



Periferia

E-ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro  
Brasil

Moulier Boutang, Yann

Marx no século XXI: uma triste história de adeus ao socialismo ou uma outra coisa?

Periferia, vol. 1, núm. 1, enero-junio, 2009

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Duque de Caxias, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156380003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Yann Moulier Boutang

## Marx no século XXI: uma triste história de adeus ao socialismo ou uma outra coisa?<sup>1</sup>

Resumo/ abstract

Há, sob a luz dos infortúnios do último marxismo do século XX, alguma esperança ou futuro para uma análise marxista? Se, por um lado, o marxismo foi claramente afetado pelo declínio do socialismo real, por outro, a emergência de um terceiro tipo histórico de capitalismo renova a importância de Marx ao livrá-lo da política econômica do capitalismo industrial.

Is there, in the light of Marxism's late 20th Century misfortunes, any hope or future a Marxian analysis? If on the one hand Marxism has clearly been affected by the failure of really existing socialism, on the other, the emergence of a third historical type of capitalism renews the relevance of Marx by ridding him of the old political economy of industrial capitalism.

---

<sup>1</sup> Publicado em *Cahiers Parisiens*, Volume 4, 2008. Tradução de Marco Gérard, mestrando em Direito Constitucional pela PUC-RIO. Revisão de Anamaria Skinner, Professora-adjunta do PPG em Letras Neolatinas da UFRJ. Notas de tradução por Maurício Rocha.

A história de uma curiosidade arqueológica, de um enterro – de primeira classe, obviamente, mas de todo modo um enterro. Recordemos – os mais velhos dentre nós– o terrível início de *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, na leitura voraz que Maurice Clavel nos fazia ao final do segundo grau: Marx era como um peixe em seu habitat natural no século XIX. Conclusão: fora do século XIX, Marx é como um peixe fora d'água. E não lhe resta muito tempo de vida. Doze anos antes da Conferência de Veneza, em que Althusser (o marxismo Ocidental) e Merab Marmadichvili (o marxismo soviético) ousavam anunciar num colóquio sobre o *Manifesto comunista*: “Enfim, a crise... do marxismo!”. Quatorze anos antes do delírio inspirado de Louis Althusser, em abril de 1980, em Terni<sup>2</sup>, diante de um público de caciques do PCI (Partido Comunista Italiano), em que vaticinara: “o socialismo é uma merda... a transição não existe...”. Com 21 anos de antecedência, Althusser não se saiu tão mal assim. Pois, no que diz respeito à transição, o socialismo real foi aposentado compulsoriamente e a única transição que propiciou foi... para o capitalismo selvagem – perto do qual o capitalismo de Manchester é uma brincadeira inofensiva. Cem milhões de imigrantes irregulares, os *sans-papiers*; os *sweat shops*<sup>3</sup> asiáticos; os desastres ecológicos; as matanças das guerras de descolonização do Império soviético, chamadas de civis; 11.000 execuções por ano e... um prodigioso avanço das forças produtivas capitalistas, sob o abrigo eficaz de um Partido comunista. De fato, Engels e Marx poderiam assombrar os escritórios de Rem Koolhaas<sup>4</sup> em Xangai e em Pequim! Que mundo estranho. Não surpreende que Jacques Derrida, que nele nunca transitou, tenha deparado com o *espectro de Marx*, ao mesmo tempo em que aquele, do comunismo realizado, saía de cena... Provisoriamente, em todo caso?

Pensemos na queixa de Rutebeuf<sup>5</sup>: “Em que se transformaram meus amigos? O vento da história soprou e os levou!”. Roger Garaudy<sup>6</sup> se converteu ao islamismo. O partido comunista francês é um grupelho, um terço dos operários vota no *Front National*. A oposição que fazia uso da tribuna

---

<sup>2</sup> [N. do T.] Comuna italiana na região da Umbria, província de Terni.

<sup>3</sup> [N. do T.] Um ateliê de trabalho escravo, ou uma fábrica, usualmente situada em países em desenvolvimento ou de terceiro mundo - em especial na Ásia, onde se trabalha por salários aviltantes, produzindo roupas, jogos, calçados e outros itens da sociedade de consumo.

<sup>4</sup> [N. do T.] Remment Lucas Koolhaas [1944] arquiteto e teórico holandês; professor de Arquitetura e Desenho Urbano na Universidade Harvard. Seu trabalho varia desde o desenho de pontos de ônibus para uma universidade holandesa até a loja de Nova York da italiana Prada, sem limites entre estéticas, áreas e eras, entendendo que um bom projeto cruza fronteiras próximas entre urbanismo, pintura e até literatura, uma vez que as possibilidades da arte, quando vinculadas ao urbanismo, passam pelo rigor da experimentação.

<sup>5</sup> [N. do T.] Poeta medieval, Rutebeuf viveu entre 1230 e 1285. Pouco se sabe dele. Sua obra é muito variada e se distingue da tradição cortês dos trovadores e compreende poemas satíricos e polêmicos contra os poderosos da época, e trata das misérias e infortúnios da existência - de onde foi retirada a citação *Que sont mes amis devenus, que j'avais de si près tenus, et tant aimés...*

<sup>6</sup> [N. do T.] Garaudy [1913], intelectual e escritor francês, parlamentar do Partido Comunista Francês, converteu-se ao Islamismo nos anos 80.

mudou de lado: vem se alimentando dos fundamentalistas cristãos ou muçulmanos. O comunismo e o marxismo não desempenham mais o papel de protetores contra o desespero do terrorismo. E, até 1995 – aqui, até 1999 (Seattle) –, os movimentos pareciam paralisados como a Bela Adormecida. Se não resta grande coisa dos socialistas e dos socialismos, que acreditavam poder abrir mão da economia social de mercado – mas todos eles seguiram, na Europa, seu Bad Godesberg<sup>7</sup> – ao menos poderíamos esperar que restasse alguma coisa do “marxismo” – que, como vocês sabem, é a doutrina que a Igreja Católica continua a ensinar.

### **Uma história cada vez mais triste: o abandono do marxismo?**

Que pena! Ou melhor assim! Depende do ponto de vista. Os dois troncos principais da árvore do dogma (o materialismo dialético e o materialismo histórico) se não foram abatidos na segunda metade do século XX, apodreceram na raiz.

O materialismo dialético, o mais próximo da filosofia, é que foi cortado primeiro. Focalizemos a crítica do historicismo e do positivismo (Della Volpe, Coletti<sup>8</sup>), num momento em que a Escola de Frankfurt já havia feito a maior parte do trabalho e que Sartre, com sua *Crítica da Razão Dialética*, recomençava incessantemente seu questionamento. O primeiro Althusser, com a crítica do idealismo e da dialética hegeliana – e finalmente, na tradição da filosofia diferencial tipicamente francesa, com o materialismo aleatório –, havia despedaçado a dialética em si. Ao mesmo tempo em que a crítica da posição cientificista ou “teórica” levantava a suspeita sem remissão de que o materialismo dialético era o auxiliar *enfim idealista* de uma subavaliação radical da luta de classes – todavia poupada e elogiada – e de uma subordinação do continente história a uma filosofia cientificista da natureza (Tronti<sup>9</sup>, o segundo Althusser e o Etienne Balibar dos *Cinq études du matérialismes*

---

<sup>7</sup> [N. do T.] *Godesberger Programm*, em alemão no original, refere-se às medidas adotadas pelo Partido Social-Democrata da Alemanha, em 1959, em substituição ao programa marxista. Em linhas gerais, reconhecem a economia de mercado e estimulam a livre-concorrência e a livre-iniciativa, sem, contudo, abdicar do papel do Estado. Leva o nome da cidade de Bad Godesberg, onde ocorreu o Congresso do partido. Marcou o início do abandono da ideia de *economia socialista*, enquanto sistema económico alternativo ao capitalismo, baseado na socialização generalizada dos meios de produção, bem como a aposta em ma economia de mercado assente na livre concorrência (como estabelece o Tratado de Roma, de 1957).

<sup>8</sup> [N. do T.] Galvano Della Volpe (1895-1968), teórico marxista italiano, professor de Lucio Coletti (1924-2001), também teórico marxista, que terminou a vida como parlamentar da *Forza Italia*, partido do milionário Silvio Berlusconi.

<sup>9</sup> [N. do T.] Oriundo de uma família anti-fascista, Tronti tornou-se militante do Partido Comunista Italiano na década de 1950. Influenciado pelo trabalho de Gaetano Della Volpe, fundou, ao lado de Raniero Panzieri, a revista *Quaderni Rossi*, da qual afastou-se em 1963 para fundar o periódico *Classe Operaia*. É uma das figuras mais importantes do pensamento político da Itália contemporânea. Foi eleito senador pelo PCI em 1992 e em 2004.

*historiques*<sup>10</sup>). Focalizemos ainda a crítica da posição objetivista economicista da tese do capitalismo monopolista de Estado (Negri, 1976). Mas, a razão dialética privilegiava ainda menos uma crítica radical do sujeito da razão: fosse ela hegeliana ou estivesse mais materialisticamente enraizada no Iluminismo; a razão dialética marxista, posta em movimento pela astuciosa construção de Lukács e concebida para responder à Escola de Frankfurt (Horkheimer, Sohn-Rethel), revelou-se muito frágil diante dos filósofos da desconfiança, de Nietzsche a Freud, levados a sério por Lacan.

E, como se não fosse o bastante, o materialismo histórico, o último refúgio de cientificidade do marxismo, suportou ondas contínuas que o reduziram a um castelo de areia. Às vezes, essas ondas não guardavam semelhança alguma entre elas; eram formadas por ventos contrários. O surgimento do marxismo foi primeiramente englobado como um acabamento do pensamento da técnica e da metafísica em consequência de Heidegger (K. Axelos). Foi desconstruído, antes mesmo que a desconstrução tivesse se tornado o apanágio do pós-moderno em sua dimensão revolucionária, como uma Grande Narrativa, secularização da soteriologia (ciência da salvação) religiosa e da escatologia do grande dia da Revolução social. Da traição das elites (tema trotskista por excelência), passamos à ilusão retórica da narrativa como efeito de linguagem, narrativa cujo simplismo, linearidade e impostura a lingüística e a crítica literária denunciavam. Proletariado, revolução não eram mais do que ídolos abandonados pela fé ou pelo movimento de massas. Como os limites do marxismo não tinham uma teoria do Estado, uma teoria das classes sociais; em suma, uma política (reprimendas tradicionais dirigidas a Marx), eles não foram apenas o apanágio da direita de Léo Strauss e, em seguida, de Raymond Aron. Nós o reencontramos, primeiramente, na dissidência que Lyotard propiciou em *Socialismo ou Barbárie*; em seguida com Chaulieu-Cartan, aliás Castoriadis, que passou da *expertise* da OCDE<sup>11</sup> à psicanálise; e, finalmente, com Claude Lefort, a reconstrução de uma teoria da sociedade e da democracia – e mesmo do antagonismo e do “dissenso” ou “desacordo”, que não tinha mais nada a ver com as classes sociais, nem com as relações de produção.

Mas, na cadência das ondas que acabariam com materialismo histórico, a matriz foucaultiana desempenhou um papel particular: ao traçar uma distinção fundamental entre luta de liberação e

---

<sup>10</sup> [N. do T.] *Cinq études du matérialismes historiques*. Paris: F. Maspero, 1974. Étienne Balibar [1942], é professor emérito da Université de Paris X-Nanterre.

<sup>11</sup> [N. do T.] A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é formada por cerca de 30 países que, somados, produzem mais da metade da riqueza mundial, comprometidos com os princípios da democracia representativa e da economia de livre mercado. Dentre seus objetivos está o de ajudar o desenvolvimento econômico e social no mundo inteiro, estimulando investimentos nos países em desenvolvimento. A sede da organização fica em Paris, na França.

luta contra a exploração, ela des-linearizava completamente os planos de antagonismo; horizontalizava-os. O sentido da história, concebido como progresso na direção de menos exploração, perdia seu poder estruturante ou, mais exatamente, revelava sua ambivalência: nele cabia ainda mais dominação. Curiosamente, o *operaismo* italiano<sup>12</sup> também tinha recortado as duas noções, mostrando que a classe operária podia ser explorada sem ser dominada. Ao passo que a escola de Frankfurt tinha explorado principalmente a dimensão inversa: como a dominação (alienação e fetichismo da mercadoria) constituía o mecanismo geral de exploração.

A crítica do sentido da história, das leis da história, que conduziriam a um progresso que se auto-engendraria – que lhe conferiria ao mesmo tempo sua unidade e um guia para a ação – foi desenvolvida, segundo uma matriz foucaultiana, pelo feminismo, os *gender studies*, os *subaltern studies* e os *post-colonial studies* (Mignolo, Quijano, Chackrabarti, Pivak). A ecologia política forneceu rapidamente outra fonte de contestação radical do “desenvolvimento das forças produtivas”. F. Partant e S. Latouche criticaram radicalmente o próprio conceito. Entre o Relatório do Clube de Roma – sobre o desenvolvimento durável – e, enfim, o Relatório Stern, uma racionalidade extra ou supra capitalista parecia impor-se por razões de sobrevivência.

Enfim, o encaixe do que era considerado como ato de nascimento do capitalismo - a saber, o advento do capitalismo industrial e as *Parliamentary Enclosures* entre 1750 e 1800<sup>13</sup> - em uma

---

<sup>12</sup> [N. do T.] Movimento teórico e político ativo na Itália nos anos 60 e 70, o *Operaismo* organizou-se em torno de uma crítica à teoria e à prática de partidos de esquerda (PCI, PSI) e dos sindicatos oficiais. Primeiro, por reverter a perspectiva do marxismo institucionalizado - que de início considerava o desenvolvimento do capitalismo e só depois as lutas operárias - e partir do começo, das lutas, compreendendo que os movimentos da classe operária explicavam o Capital e a sociedade socialista, e não o inverso. A classe, nesse caso, não significava uma noção mitológica - ela não preexistia às lutas nas quais se organizava - e era um conjunto historicamente composto, do ponto de vista técnico e político, com algumas frações sendo mais ativas que outras. Além disso, a classe não se limitaria a resistir à dominação e à exploração, e ao recompor-se continuamente obrigaria o Capital a reagir e reestruturar o processo de trabalho - daí a necessidade de análise das variações na organização da produção; daí também a crítica à planificação estatal da economia - na qual o Estado apareceria como organizador da exploração; daí enfim a idéia da classe como motor do desenvolvimento capitalista e força de ruptura. A linha política *operaista* se expressaria em vários grupos com importante envolvimento social e político nas lutas sociais do período, articulando-se historicamente como um movimento de massas. É no interior desse movimento que figuram os grupos políticos *operaístas* - todos associados à publicações teóricas - e que tiveram como expoentes Rainiero Panzieri, Romano Alquati, Mario Tronti, Alberto Asor Rosa, Massimo Cacciari, Luciano Ferrari Bravo e Antonio Negri: *Quaderni Rossi* (grupo que praticou uma "sociologia militante" caracterizada pela pesquisa sobre a organização do trabalho, seguida de imediata intervenção política); *Classe operaia* (primeira revista de intervenção direta nas lutas operárias das fábricas); *Potere Operaio* (primeira organização *operaista* de massas estruturada nacionalmente na Itália). Da cisão deste último, no início dos anos 70, resultaria a experiência originalíssima da *Autonomia Operaia* (cuja ação se desenvolveu não apenas no terreno produtivo, envolvendo todos os aspectos sociais: moradia, lazer, desemprego, serviços sociais, transporte público, hospitais e escolas), mas também o ataque armado ao Estado (*Brigate Rosse*, *Prima Linea*), praticando assaltos a bancos, seqüestros e assassinatos de autoridades (caso de Aldo Moro, presidente da Democracia Cristã). A crescente difusão da violência no cenário político - iniciada ainda nos anos 60, com atentados perpetrados pela extrema direita, na chamada *estratégia da tensão* (manipulada pelos serviços secretos italianos, como se saberá depois) - fornecerá os pretextos para os *processos de abril* de 1979, com prisões e condenações em massa de militantes de esquerda, ação do Estado italiano que desmantelou as organizações políticas de esquerda e bloqueou a dinâmica das lutas sociais do período.

<sup>13</sup> [N. do T.] Cercamento de terras no Reino Unido, com a apropriação privada das terras comuns.

respiração mais longa do capitalismo histórico, recuando um século, e depois dois para trás (Fernand Braudel, I. Wallerstein), acabou de desestabilizar a sucessão dos três grandes meios de produção que a exceção asiática (“despotismo hidráulico”, de K. Wittfogel, e a das “sociedades frias sem Estado” (de Pierre Clastres), já tinha fortemente reduzido.

Assim, podemos nos perguntar: que marxismo pode sobreviver ou que ramo verde é capaz de prosperar nessa árvore? No entanto, o declínio nem por isso liquidou a questão ou a opção por Marx no mercado das idéias. Isso lembra os padrões italianos, que confessavam a Mario Dalmaviva – durante muito tempo militante do grupo *Potere Operaio* em Turim –, que liam os operaístas com grande interesse, especialmente a revista *Quaderni Rossi* (1962-1966) ou o jornal *Classe Operaia* (1966). Para eles, teria sido muito difícil deparar com a menor idéia na *Gauche Prolétarienne*, cujo líder, Pierre Victor, terminou retirado como “judeu de saber” em Jerusalém<sup>14</sup>; e mais difícil ainda nas exaltadas e medíocres discussões antiimperialistas dos Brigadistas, que reviviam seus amores de juventude católica. Observem, atualmente, quantas boas cabeças, inteligentes, tais como Alain Minc e Jacques Attali, voltam-se, por sua vez, para Marx. Provavelmente, para encontrar ali alguma inspiração...

Certamente, Marx está morto e felizmente; Jean-Marie Benoist se deleitava com isso nos anos 1970. Depois, qual um Dom Quixote cuja Dulcinéia fora por um tempo a grande Revolução Cultural chinesa - antes de se tornar acólito bajulador [coroinha] do candidato da direita à Presidência da Pequena Província francesa da União Européia e, no exterior, da caça às armas de destruição em massa - abriu guerra contra o Goulag (o que é louvável) e atacou o moinho de vento dos *Maîtres Penseurs* e do totalitarismo da teoria (o que é ainda mais engraçado). A “nova filosofia” lançou muito mal o debate e Deleuze ficou escandalizado com essa exibição de *filosofia vulgar*, que combinava com a moda dos romances históricos. Quase insignificante no plano dos conceitos – e mais ainda no plano da filologia –, a nova filosofia pertencia mais ao campo do ensaio literário que ao do pensamento, mas convenhamos: ela era menos medíocre em política, pois ao menos tinha percebido as rachaduras do socialismo real.

Portanto, Marx, Deus seja louvado, estava morto, como todo mundo, como o gatinho de Molière<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> [N. do T.] Pierre Victor, pseudônimo de Benny Lévy [1945-2003], foi dirigente do grupo maoísta *Gauche Prolétarienne* nos anos 70. Secretário de Sartre no final da vida do filósofo, Lévy transitou da extrema esquerda maoísta para o judaísmo, emigrando para Israel e lá fundando um Instituto dedicado ao pensamento de Emmanuel Lévinas [1906-1995].

<sup>15</sup> [N. do T.] Referência à peça *Escola de Mulheres* (1662), de Molière (Jean-Baptiste Poquelin, 1622-1673), que conta as desventuras de um solteirão, Arnolfo, algoz dos maridos traídos de Paris. Aos quarenta anos, ele deseja se casar, mas teme ser traído. Escolhe para esposa Inês, uma menina que criara desde os quatro anos de idade, precavendo-se para que lhe ensinassem somente o que pudesse torná-la o mais burra possível. Esta, contudo, apesar das precauções de Arnolfo,

Ninguém teve tempo de embalsamá-lo ou de mumificá-lo na Praça Vermelha<sup>16</sup>. Se não, inevitavelmente, seu cadáver correria o risco de ter o destino das relíquias sagradas: terminar sob os golpes dos iconoclastas que sucedem aos devotos em santidade.

Do lado da direita inteligente, tinha-se compreendido há muito tempo, com Raymond Aron, que: 1) Marx era a um só tempo: um filósofo de pleno direito; um economista vigoroso; o fundador da sociologia política do outro lado do Reno (nem Comte, nem Durkheim foram páreo para ele); e um agitador revolucionário considerável, cuja verdadeira marca sobre a história começara tardiamente e não tinha relação com o que se pensa habitualmente de um homem político ou de um revolucionário profissional. Em suma, um pensador que se conta nos dedos em um século; e 2) Que isso não ia mudar, ainda que o socialismo tivesse se tornado uma curiosidade histórica, do mesmo modo como Platão sobreviveu ao detestável Regime dos Trinta<sup>17</sup>, Heidegger ao nazismo<sup>18</sup>. A esquerda levou mais tempo pra compreender, por excesso de sentimentalidade, certamente (uma das coisas que Marx detestava, como todas as pessoas hiper-sensíveis, que não toleram as demonstrações insípidas de sentimentalismo). Mas, com o terrível desmoronamento dos “anos de inverno” (F. Guattari)<sup>19</sup>, teve de se render à evidência. Marx, não podendo mais contar com um pequeno ou um grande seminário, um Stalin, um Mao para sua promoção *sub speciae aeternitatis*<sup>20</sup>, só podia contar com ele mesmo e com seus aliados naturais de sempre (a *libido sciendi*, quando ela se opõe à *libido dominandi*, o desejo de liberação mais forte que a convivência com a exploração). E aí vimos que eram muitos aqueles com que podia contar, fortíssimos; que ele era imperecível. Como Daniel Lindenberg o havia demonstrado, em seu pequeno e excelente livro sobre *le Marxisme Introuvable*, a um ciclo de enclausuramento do marxismo, por exemplo, o “dos gaguejos”, sucedia

---

apaixona-se por um rapaz, Horácio, que toma Arnolfo por amigo e lhe conta seus problemas amorosos - sem saber que era o próprio Arnolfo quem mantinha Inês trancada a sete chaves. Certo dia, ao chegar em casa, Arnolfo sente ter flagrado Horácio saindo furtivamente. É quando se dá o diálogo entre ele e Inês, no qual ela finge que nada de importante ocorrera, exceto a morte do gatinho.

<sup>16</sup> [N. do T.] Na Praça Vermelha, em Moscou, está o corpo embalsamado do líder da Revolução Soviética de Outubro de 1917 – como é o caso de Lênin.

<sup>17</sup> [N. do T.] Entre 404 e 403 a.C., a Tirania dos Trinta foi imposta por um golpe da oligarquia ateniense com apoio de Espartanos. Seu líder foi Lisandro, eleito por pressão do exército de Esparta, e o objetivo de reformar as instituições de Atenas resultou em um regime de terror contra os adversários políticos do colegiado (formado por trinta oligarcas) chefiado por Crítias, tio de Platão (428-347).

<sup>18</sup> [N. do T.] Martin Heidegger (1889-1976), entre sua eleição e a posse como reitor na Universidade de Freiburg, assinou a ficha de filiação ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores da Alemanha em 1 de Maio de 1933 (ano da chegada ao poder de Adolf Hitler). Demitiu-se em 1934, após entrar em conflito com altos mandatários do Partido Nazista - entre eles o reitor da Universidade de Heidelberg, Ernst Kriek, e com o núcleo do poder nazi, por defender a proposta de supressão da última liga de estudantes que ainda não fora absorvida pelos nazistas, uma associação católica muito antiga e conservadora - justamente no momento em que o governo de Berlim negociava o apoio do Vaticano para consolidar seu poder.

<sup>19</sup> [N. do T.] Expressão usada por Félix Guattari [1930-1992] para designar os anos 80, para designar o refluxo das lutas sociais dos anos 60 e 70, bem como a aliança entre o discurso da social-democracia e os princípios do neoliberalismo.

<sup>20</sup> Fórmula de B. de Spinoza (1632-1677): “sob a forma da eternidade”, ou ainda “sob a perspectiva da eternidade”.



rapidamente uma reaparição, um ciclo ascendente. Um verdadeiro ciclo Kondratief<sup>21</sup> de subida lenta dos preços e do crescimento.

### Retorno cíclico de Marx

Cada geração de estudantes destruída, por um lado, por uma escolástica esclerosada cujos argumentos não mudam nunca; e, por outro, pela alegre confusão mental dos pensamentos pós (pós-modernos, pensamentos “fracos”, neo-heideggerianos ou, pior ainda, do tipo “reinventores da pólvora”), vê-se condenada a reinventar uma necessidade de rigor enxertado na realidade de nosso planeta. E, portanto, a voltar aos verdadeiros filósofos (defendam eles o grande sistema hegeliano ou as categorias da navalha de Ockam<sup>22</sup>; sejam eles do campo das filosofias do Sujeito barrado ou não; ou do conceito em oposição aos filósofos impressionistas do “não sei o quê”<sup>23</sup>). E, nesse caso, Marx tem muita chance, ao lado de outros, de cruzar seus caminhos, sendo bastante provável que eles sigam uma boa parte do caminho com ele.

Estou me referindo a Marx, não ao marxismo e a suas escolas, a seus grandes políticos, a seus pequenos marqueses, a seus abomináveis carrascos. Marx, o defensor de um pensamento *tout court*, não o majestoso autor do grande sistema econômico e social do *Capital* – que certamente Hegel teria devorado com gula, caso tivesse tido a oportunidade e o tempo; não o eterno revolucionário carbonário, exilado proscrito, marginal subvencionado, aquele que produziu no calor da hora algumas análises históricas das fases revolucionárias na França e na Europa – o que Michelet ou Augustin Thierry só conseguiram fazer quando o passado já estava distante - de tal modo a situação era fervilhante; não o polemista intransigente que, em colaboração com Engels (e muito menos inspirado acerca de alguns assuntos, como a Natureza, a Família), suscitou, pelo tanto que ele tem de estilo, um mimetismo irrepreensível; em contraposição ao enfado destilado por seus seguidores, até mesmo os mais consistentes, como Labriola, Kautsky, Bernstein, Lênin.

O tempo, tempo que esquece felizmente, poupando-nos da loucura ou da decrepitude da repetição

---

<sup>21</sup> [N. do T.] Movimentos de longa duração (25 a 45 anos) estudados pelo economista russo Nicolai Kondratieff (1892-1930) que comportam uma fase de alta e outra de baixa, correspondendo às etapas de prosperidade e de regressão econômica.

<sup>22</sup> [N. do T.] Referência a Guilherme de Ockham (1300-1349), franciscano inglês e filósofo medieval. “navalha de Ockham”, princípio lógico que diz: *entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem* (não se deve multiplicar os entes existentes além do necessário).

<sup>23</sup> [N. do A.] Palavras duras de Christian Delacampagne, quando cursava a classe preparatória (*khâgne*) à Escola Normal Superior, a respeito de Jankélévitch, que dissertava todo tempo e sutilmente, “*de não sei o quê e quase nada*”. Um pouco injustas no que concerne a Jankélévitch, mas para a efervescência moralista que se seguiu e alguns dos efeitos de Lévinas (e não Lévinas propriamente dito), eram de uma cruel exatidão.

sem movimento, livrou-nos dos marxismos, dos socialismos reais ou utópicos. Então, pra que Marx?

### **Retorno de Marx e situação marxiana**

A situação é marxiana, no sentido de que ela desencadeia magníficas e ferozes contradições, pelo acúmulo de problemas; um movimento do pensamento “que não quer nem rir, nem chorar, mas compreender”.

Mas, então, o que nos resta de Marx é o marxismo? É necessário levar o marxismo aonde Marx não tinha sabido levá-lo? É necessário o marxismo para além de Marx (esta é a visão do marxismo como uma ciência)? É necessário Marx para além do marxismo (como Platão para além do platonismo ou do neoplatonismo, ou Kant acima do neokantismo)? É necessário, enfim, Marx para além de Marx? Uma primeira encarnação de Marx para além de Marx pode revestir, e revestiu, a forma de Marx contra Marx. Filtra-se Marx jovem e humanista do velho e científico Marx; Marx hegeliano do Marx marxista! Marx contra Engels – deste São Paulo da religião atéia do marxismo! Mais sutilmente, Marx dos *Grundrisse* do Marx do *Capital*, o do livro II e III, contra o do livro I. O Marx filósofo inveterado, teoricista; e Marx das *Teses sobre Feuerbach*, o Marx da prática.

Podemos nos perguntar se a questão de método prejudicial não terá sido a de escolher entre a verdade do paradigma marxista do conteúdo e da “ciência” e um Marx muito menos Khuniano<sup>24</sup>, até mesmo Lakatosiano<sup>25</sup> e um Marx anarquista Féyerabendiano<sup>26</sup>. Um Marx que se tornou, novamente, nosso contemporâneo, descolado de um positivismo ingênuo; um Marx da sofística, que não procura, mas que encontra.

---

<sup>24</sup> [N. do T.] Thomas Kuhn (1922-1996) propôs que o conhecimento científico não cresce de modo cumulativo e contínuo. Ao contrário, é descontínuo, opera por saltos qualitativos, que não se podem justificar em função de critérios de validação do conhecimento científico.

<sup>25</sup> Imre Lakatos [1922-1974] sublinha que os cientistas dificilmente aceitam o resultado de experiências que refutam suas teorias. Em geral, diante de um resultado que questiona suas conjecturas, começam a desenvolver estratégias imunizadoras. Os cientistas trabalham em um quadro de programas de pesquisa que comportam um núcleo duro e um cinturão protetor de hipóteses auxiliares - e só estas últimas são submetidas à refutação. Assim, um programa de pesquisa contém uma heurística positiva (o que é preciso pesquisar, e com qual método), e outra negativa (os domínios nos quais não é preciso pesquisar, os métodos que não são necessários). Além disso, um programa de pesquisa pode ser progressivo (gerador de conhecimentos novos, capaz de prever fatos inéditos e absorver anomalias, ganhando assim influência) ou regressivo (tornado incapaz de prever fatos inéditos, perdendo influência e adeptos entre os cientistas). Portanto, programas de pesquisa concorrentes podem coexistir e contribuir para a dinâmica dos debates científicos.

<sup>26</sup> Paul K. Feyerabend [1924-1994] defendeu a idéia de que não há regras metodológicas que devam sempre ser usadas pelos cientistas. E que a fundamentação prescritiva do método científico limita as atividades dos cientistas, restringindo o progresso científico. Desta forma, a ciência se beneficiaria mais com o que ele denominou de “anarquismo teórico” – por não impor regras rígidas aos cientistas.

Em uma situação marxiana (vamos defini-la) e não marxista de maneira alguma, não precisamos de um paradigma; precisamos da inovação nas categorias, na abertura à situação. Foi o que compreendeu o marxismo desconstrutivista que flerta com o pós-moderno (Lyotard), quando ele descobre o triste engano da grande narrativa da construção do socialismo - as massas; é o que busca, hoje, a desconstrução metódica dos conceitos e da gramática estatal da democracia popular do povo, que Paolo Virno, Negri e Hardt operacionalizam. Foi o que empreendi na historiografia republicana e colonial *colour blind*<sup>27</sup>, na construção real do regime do salário. É o que opera, igualmente, o pós-colonial, que decidiu desconstruir o universal branco e europeu. Inclui mesmo o projeto prometéico de dominação da natureza, que o Sul coloca em questão e que a incrível e violenta irrupção da ecologia política submete ao produtivismo e às ingênuas científicidades das vulgatas do marxismo, que têm sempre, como as seitas, uma parte do *corpus* bíblico para exhibir. E Marx é pródigo nesta fúria de simplificação, quando quer que isso ande mais rápido, que o capitalismo nos livre de “toda essa m...” e ele não está longe da política de força, mesmo sem chegar a cair nessa.

Situação marxiana, diríamos nós? O que isso quer dizer? Situação em que o capitalismo, aquele nascido da revolução industrial e da grande fábrica de Manchester se depara com um capitalismo mercantilista escravagista, revolucionário? Atualmente, os 10% de *pronetariado*<sup>28</sup> (Joël de Rosnay)<sup>14</sup> ou *cognitariado*<sup>29</sup> (Franco Berardi) ou de trabalhadores do capitalismo cognitivo (Vale do Silício) coexistem com a *sweat shop* manchesteriana (salvo que Manchester se chama o ABC paulista, o *Delta Pearl River*<sup>30</sup>) e a miserável transição do socialismo ao capitalismo, em que a história gagueja, engastada e sobredeterminada por uma transição, ou transformação muito mais colossal: a da passagem ao terceiro capitalismo, que não é certamente o *StamoKap* [Capitalismo Monopolista de Estado], nem o *späte Kapitalismus*<sup>31</sup>, e que nenhum *Suzammen Bruch* (crise final) se faz escutar, a não

---

<sup>27</sup> [N. do T.] Termo que descreve atividades contratadas e serviços oferecidos sem consideração de características raciais dos que participam das atividades ou recebem os serviços.

<sup>28</sup> [N. do T.] Joel De Rosnay [1937], biólogo molecular, pesquisador na área das tecnologias da informação e ciências da complexidade, ex-professor do MIT, concebe a nova classe de usuários de redes virtuais - formadora de uma inteligência coletiva produtora e difusora de conteúdos digitais não proprietários - como uma nova figura: o *pronetariado* - do grego *pro*, antes, mas também favorável à, e do inglês *net*, rede. Os pronetários competem com os infocapitalistas através de produtos e mercados auto-regulados que criam e administram.

<sup>29</sup> [N. do T.] Conjunto dos trabalhadores que desenvolvem atividades centradas na cognição, manipulação de símbolos, análise de códigos e linguagens. Expressão cunhada por Franco Berardi [1949], pensador e militante italiano, criador das rádios livres na Itália nos anos 70.

<sup>30</sup> [N. do T.] O *Pearl River Delta* é uma região de manufatura com uso intensivo de mão de obra, situado na região leste da China.

<sup>31</sup> *Capitalismo tardio* é um conceito formulado por Ernest Mandel em sua tese *Der Spätkapitalismus – Versuch einer marxistischen Erklärung* (“Capitalismo tardio - uma tentativa de explicação marxista”), com a qual obteve seu PhD, em 1972, na Universidade Livre de Berlim. Considerada pelo próprio autor como a sua obra mais importante, a tese foi posteriormente

ser uma rachadura categórica da terra, simplesmente!

Os elementos de uma situação “global” não têm necessidade de ser lembrados: mas o mercado mundial, este famoso capítulo do *Capital* que faltava escrever, no plano de Marx, é realmente posto em prática hoje; enquanto a polarização das classes sociais parece tornar-se cada vez mais complexa em suas manifestações.

É preciso partir do que temos necessidade e ver se Marx pode nos ajudar. Lucien Febvre, e seu *Problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle*, explica bem que o passado – como a memória ativa, e não a memória aceita – é reconstruído sem parar, em função de nossas necessidades presentes que olham para o futuro. Diga-me qual é o teu Marx e eu te direi o que és e ao que aspiras.

### **Algumas pistas para um Marx útil**

“O marxismo, filosofia inultrapassável de nosso tempo”, dizia J.P. Sartre, que considerava em plena guerra fria “todo anticomunista um cachorro”. Althusser sempre compartilhou com Sartre a segunda fórmula, mas, em compensação, ridicularizou cruelmente a primeira afirmação. Ele nunca acreditou, como explicou, que tivesse havido “uma filosofia marxista”; uma filosofia marxista não existe, porque só há uma posição marxista, ou materialista, ou revolucionária, *if you please*, em filosofia.<sup>32</sup>

A idéia de que houvesse uma política marxista foi rejeitada pelo próprio Marx, que não se reconhecia “marxista” (ver a famosa carta a Kugelman, “eu não sou marxista”, assim como seus discursos inflamados contra o socialismo utópico e a estupidez, para ele, que o proletariado pudesse reclamar um salário justo como retribuição do valor do produto de seu trabalho).

A idéia de uma “política marxista” o teria levado mesmo a rir, mesmo que tenha passado sua vida – a propósito, com um relativo sucesso –, a defender uma posição materialista ou revolucionária em

---

publicada sob o título *O Capitalismo Tardio*. A expressão *Spätkapitalismus* surgiu após a crise de 1929, em livro de Natalia Moskovska (Zürich, 1943), e hibernou até o final do *boom* da reconstrução do pós-guerra, ressurgindo sobretudo após a publicação do livro de Mandel. Mandel apresenta três fases do desenvolvimento capitalista: o capitalismo de mercado, entre 1700 e 1850, quando o crescimento do capital industrial acontece no âmbito dos doméstico dos estados nacionais; o capitalismo monopolista, até aproximadamente 1960, quando se dá o esgotamento do 'boom' de reconstrução pós-guerra, marcado pelo desenvolvimento imperialista dos mercados internacionais e pela exploração dos territórios coloniais; o capitalismo tardio, que teria como elementos distintivos a expansão das grandes corporações multinacionais, a globalização dos mercados e do trabalho, o consumo de massa e a intensificação dos fluxos internacionais do capital. Seria mais propriamente uma crise de reprodução do capital que um estágio de desenvolvimento, uma vez que o crescimento do consumo (e, portanto, da produção) tornar-se-ia insustentável pela exaustão dos recursos naturais.

<sup>32</sup> [N. do A.] Louis Althusser, *L'Avenir dure longtemps*, Paris, Édition de poche, 1992, p.199; e *Sur la philosophie*, Paris, Gallimard, 1994.

política. Do mesmo modo, não há teoria marxista de Estado ou das classes sociais, mas uma hipótese de trabalho, um programa de pesquisa e de ação sobre a organização dos efeitos do encontro da velha luta de classes de Augustin Thierry<sup>33</sup> e da relação capitalista, com seus efeitos “depredadores” sobre o Estado e a dominação.

Tenhamos a sabedoria de escutar esta potente e lapidar intuição althusseriana para a economia. Não há economia marxista, nem ciência econômica marxista, mas um ponto de vista e uma posição revolucionária *na* economia ou *na* ciência. Será que a metáfora hegeliana da reversão dialética aplicada à economia política burguesa produz a crítica da economia política? A crítica desta crítica não é uma questão de armas ou de consciência, mas do movimento mesmo da realidade antagonista da relação de produção e de classe do capitalismo histórico.

A sobrevida de Marx como pensador não está ligada à sobrevida do conteúdo positivo de uma doutrina erigida como museu, nem à incorporação do marxismo ao *corpus* da filosofia alemã; e, ainda menos, à história da filosofia. Isto já se fez há muito tempo (e é uma coisa excelente), inclusive e, sobretudo, eu diria, entre os maiores adversários de uma posição marxista em filosofia, em economia e em política.

Marx está vivo quando ele é algo mais do que uma doutrina filosófica, uma filosofia da história. E um marxismo reivindicando Marx só entra no cerne de seu tema se, diante do verdadeiro ópio do povo que se tornou a economia, consegue garantir a existência de um ponto de vista e uma posição materialista e revolucionária em economia. Uma posição, antes de ocupar uma trincheira numa linha de frente, ou melhor, o posto de um franco-atirador, equivale à sustentação do alpinista, que permite ultrapassar uma parede, encontrar a falha e avançar sobre o paredão.

E a dificuldade particular deste tipo de posição – que toma suas disposições para ter sustentação, sustentação sobre o pensamento, sobre os fatos – faz questão, em matéria de economia política, de que o capitalismo entendido como uma relação social particular, historicamente determinada, mantenha-se em si mesmo revolucionário, agitado por um movimento incessante, em suma, portador “de um tornar-se outro contínuo”. Porque ele contém, tal qual Jano<sup>34</sup>, como a sua outra face, nele próprio, a potência e a vontade de liberação da multidão. Esta multidão, portadora de mais liberdade e de igualdade na sociedade, porque nela o desejo de não ser dominada vence o desejo de dominar.

---

<sup>33</sup> [N. do T.] Jacques Nicolas Augustin Thierry [1795-1856], dotado de estilo romanesco, foi um dos primeiros historiadores a trabalhar sobre fontes originais.

<sup>34</sup> [N. do T.] Jano (em latim *Janus*). Divindade romana que deu origem ao nome do mês de Janeiro. Porteiro celestial representado com duas cabeças, signos dos términos e dos começos, do passado e do futuro.

A economia política smithiana e ricardiana é para o novo capitalismo emergente o que foi o mercantilismo para o capitalismo industrial: um entrave reacionário que impedia de ver a extensão das transformações em curso. A maior parte dos que se valem do título de “crítica da economia política” e que reivindicam Marx, afasta-nos deste Marx vivo e revolucionário, pois estamos mudando de economia e o capitalismo cognitivo, de economia política.

Ainda não temos o novo quadro econômico de conjunto deste capitalismo, de que Manchester é um híbrido prodigioso e repugnante da Califórnia e do *Delta Pearl River*, na China.

Entretanto, nós estamos em plena batalha de “novos cercamentos”. Os direitos de propriedade intelectual constituem a verdadeira questão que preocupa Greenspan<sup>35</sup>; e seu sucessor, o governador geral [*governor*] das taxas de juros e da moeda imperial – mas também financista, em última instância, que avalia a *dark matter* [matéria escura], quer dizer, a contrapartida em intangíveis da dívida americana e dos *twin deficits*<sup>36</sup>. Ora, *if you please*, verdadeiras perspectivas de lucro do elo mais forte do *capitalismo mundial integrado* (Deleuze e Guattari).

A batalha feroz em torno da renda da propriedade intelectual ganha de qualquer discussão sobre o nível razoável de lucro. O que está em jogo ali são as relações de propriedade, a existência de um novo tipo de comum, que não é a velha propriedade de uso medieval. É o incrível potencial da apropriação do digital pelas centenas de milhões de ativos, ao mesmo tempo condição de verdadeiras jazidas de valores e, ao mesmo tempo, crise da sua forma privativa de apropriação. O indivíduo enaltecido pelo consumismo – a quem não se pode mais vender simples produtos, mas emoções –, e os meios de criar um mundo para si, é um *commoner*, um *digger* [cambista] de um novo tipo, um *hacker*. Para que este indivíduo, rico em potencialidades de inovação – de quem Marx havia feito um elemento de sua descrição do comunismo –, possa se reproduzir, assim como o capitalismo ativo, do qual ele reivindica a apropriação (não o tempo de trabalho codificado há três séculos, codificação iniciada não entre os “pobres do norte”, mas na economia de *Plantation*, o tempo de vida, o *tempo global do cérebro disponível*), é preciso conceder-lhe um grau de liberdade que é explosivo, com relação ao nível médio e miserável da democracia atual. Não é o somente o Iraque que necessita de democracia. De fato, do ponto de vista do capitalismo cognitivo e da formidável utopia que capta das multidões, o centro do velho capitalismo ainda consiste num estado

---

<sup>35</sup> [N. do T.] Alan Greenspan, economista norte-americano responsável, de 1987 até 2006, pelo *Federal Reserve* dos Estados Unidos.

<sup>36</sup> [N. do T.] *Déficits* gêmeos, ou duplo *déficit* – *déficit* público e *déficit* das transações correntes – é a expressão que designa a situação de um país cujas despesas da administração pública superam a arrecadação, e as importações de bens e serviços superam as exportações.

efetivamente tirânico: a ditadura das indústrias de armamento e de petróleo (o complexo militar petrolífero) encontra-se tão longe do capitalismo cognitivo do *Google*, como o Iraque de Saddam ou do caos atual se encontram afastados da “democracia ocidental”.

A produção de conhecimentos por meio de conhecimentos, do vivente por meio do vivente e do homem pelo homem, revela, à luz do dia, o segredo da produção capitalista: o caráter fictício e puramente convencional da propriedade exclusiva.

Daí a áspera batalha de novas barreiras em torno dos Direitos de Propriedade Intelectual, do ciclo de Doha, e dos DRM<sup>37</sup>. A barreira do velho capitalismo se encontra bloqueada entre dois extremos: o da nova fronteira ecológica da produção e o do imaterial. Pois o imaterial é prodigiosamente subversivo (é a vertente política da categoria da desconstrução).

A globalização do alter-mundialismo não tem mais a ingenuidade da descolonização, nem o universalismo de primeiro grau do Iluminismo. *Império*, de Hardt e Negri, tornou-se um livro mundo, emblema de novas emergências. Ainda não é a política; é a sua preliminar.

Sobre a famosa teoria das classes, por exemplo: a idéia que entre as duas classes a polarização provém da relação, que um se divide em dois, e que não há classes preexistentes ao antagonismo (Tronti, 1966, mas também Balibar, 1974)<sup>38</sup>.

O pensamento pós-colonial, os *subaltern* e os *minorities studies* também passaram por lá. Pois o antagonismo trabalho/capital, explorado/explorador, é recortado pelas castas, a construção do gênero, a cor. Que, por sua vez, são investidos pelo capital como relação social, sempre instável.

A *queerisation*<sup>39</sup> de Marx é apenas uma questão de tempo. Pois nós não cometeremos mais o erro, ainda hoje bastante compreensível, de pensar que a Rede digital da Internet se vingará do mercado, da hierarquia e das castas financeiras, como Marx havia sonhado com relação às estradas de ferro na Índia. Nem que nos desembaraçaremos da ideologia como falsas aparências, aquelas que fizeram um terno sob medida no *lumpen-proletariado*. O cognitariado, as multidões, são, por ora, palavras um pouco verdes e sua gramática está sendo escrita, mas as velhas categorias de nosso vocabulário de massas, de povo, de classes, assemelham-se, mais e mais, a frutos secos. As metáforas não são sempre coerentes. Eles se interpenetram: a fábrica é de porcelana, como diz Negri. Não é que apenas ele seja inábil; é que pensar a potência produtiva do vivente (da eletrônica ao digital, passando pelas nanotecnologias dos objetos inteligentes e o homem-robô) lança em

---

<sup>37</sup> [N. do T.] *Digital Rights Management*, em inglês no original – gestão de direitos autorais.

<sup>38</sup> [N. do T.] Referência à obra supracitada Balibar, *Cinq Études...* e ao livro de Mario Tronti, *Ouvriers et Capital*.

<sup>39</sup> [N. do T.] De *Queer*, homossexual em inglês.

abismo vertiginoso as origens da família, do Estado e do que chamamos de humano. Saímos do anti-humanismo teórico para entrar no pós-humanismo (Sloterdijk, Agamben). Um pós-humanismo em que a ética é um assunto muito sério para ser deixado nas mãos da moral morna e tépida.

A situação é excelente, ela não é marxista, tanto melhor! É marxiana: o peixe vivo do marxismo saiu na hora certa do mar em via de drenagem do mundo industrial (pensemos na observação, em forma de constatação, de Foucault, em *As palavras e as coisas*). Encontrou o rio e, provavelmente, o alto-mar. Trabalhemos com método. Para salvar a água do planeta, para respirar. Os caminhos estão por abrir. A toupeira subterrânea era a mascote de Marx: cega, efeito não desejado, ela esburacava o terreno e cavava conexões, uma rede da subversão.

Na era da *cyber* navegação, as enguias e as tartarugas são, talvez, as melhores mascotes!

Quanto a mim, pretendo fazer na segunda transição do capitalismo industrial ao capitalismo cognitivo o mesmo tipo de trabalho que realizei durante a primeira transição do capitalismo mercantilista e escravagista ao capitalismo manchesteriano e liberal.

Daí decorre, provavelmente, um novo programa abolicionista, isto é, a necessidade de contar com suas próprias forças (nenhum Haiti é excluído do lado *ateliê* do mundo), mas também de contrair alianças. O capitalismo cognitivo terá necessidade das multidões para se livrar do capitalismo industrial escravagista.

Pois, da construção do regime do salário, difícil e resistível, entramos, talvez, na questão de um enfraquecimento decisivo da subordinação salarial como condição de desenvolvimento da força produtiva.

Yann Moullier Boutang é professor titular de Ciências Econômicas na Université de Technologie de Compiègne (França); professor adjunto do Centro Fernand Braudel na Binghamton-New York University (EUA) e diretor de redação da revista Multitudes.